

A PAISAGEM SONORA DA PEDREIRA DO CAPÃO DO LEÃO, NAS NARRATIVAS DE SEUS ÚLTIMOS OPERÁRIOS

¹GLADIS REJANE MORAN FERREIRA; ²CARLA RODRIGUES GASTAUD

¹*Universidade Federal de Pelotas – gladisbilio@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, que é parte da tese de doutoramento em andamento no PPGMP/UFPEL que tem como título provisório “A memória da Pedreira do Cerro do Estado, nos indícios, nos restos industriais e nas narrativas operárias” tem por objetivo apresentar parte da paisagem cultural da Pedreira do Capão do Leão destacada das narrativas de dois dos seus últimos operários. Estes indícios, assim como outros restos, compõe parte da memória desta pedreira, que passou a ser explorada pela *Compagnie Française du Port* do Rio Grande do Sul, na primeira década do século XX, com a finalidade de construir os Molhes da Barra¹ nas cidades de Rio Grande e São José do Norte para melhoria do acesso ao Porto do Rio Grande.

A Pedreira do Capão do Leão possuía uma área de 79 hectares, compostos por um bloco de granito basáltico, está localizada na cidade do Capão do Leão, no Rio Grande do Sul e é parte do patrimônio resultante da atividade de três gerações de operários que deixaram um legado material e imaterial geracional que compõe o grupo social. A área da pedreira, no momento de sua aquisição, era um lugar natural, com suas cores, sons e odores característicos de uma paisagem da área rural colonial de Pelotas. A partir da extração da rocha, o ambiente passou a ser tomado por objetos técnicos e mecanizados fazendo com que a localidade se transformasse numa grande máquina de produção industrial, com suas engrenagens e personagens.

Este trabalho olha para as memórias desses narradores, que não tem seus nomes inscritos na história oficial da Pedreira do Capão do Leão, na busca de uma reconstrução do passado do lugar. Estes trabalhadores guardam, além das técnicas do “saber fazer”, memórias de outros tempos da paisagem da pedreira. Parte deles possuem lembranças do tempo de criança, que somadas as lembradas de suas vidas funcionais ajudam a manter a memória coletiva deste grupo social.

2. METODOLOGIA

Através das narrativas dos operários, foram observadas lembranças sensíveis da paisagem sobre o que foi visto e do que foi ouvido por estas pessoas no passado, durante suas rotinas de trabalho no lugar. A partir destes relatos foi realizado um estudo do conceito de “paisagem” e de suas características como, paisagem natural, paisagem material e imaterial e paisagem Sonora. A partir desse

¹ São terminações de pedras que avançam mar adentro para dar segurança à navegação marítima para entrar no canal de acesso ao Porto do Rio Grande de forma segura.

aprendizado o conceito foi utilizado como ferramenta de análise dessas histórias de vida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação do homem para obter as pedras necessárias para a construção dos Molhes da Barra criou um espaço na Pedreira do Capão do Leão, com características industriais, dotado de equipamentos e técnicas específicas para a extração do granito. Esta pedreira foi ativa de 1911, quando iniciaram as obras de construção dos Molhes da Barra a 1993, quando saiu o último trem² de pedras da pedreira. Sua área é pública³, pois pertence a União Federal e está sob responsabilidade do Porto do Rio Grande⁴. As lembranças sobre a paisagem da pedreira, relatadas pelos entrevistados, tem uma dimensão afetuosa, uma noção de pertencimento dos trabalhadores pois remete a recordações de um tempo que não existe mais. Para Sauer (2015, p. 164) “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente”, do que está guardado na memória desses operários.

Para a memória da pedreira a paisagem é uma fonte, um documento histórico, onde cada máquina, cada construção e caminho é um conjunto em si mesmo que se relaciona com o grupo social no tempo. Segundo Halbwachs (1990, p.163), quando um grupo vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, “[...] não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhes apresentam os objetos exteriores”.

Mas o que vem a ser “paisagem”? Paisagem é uma categoria de patrimônio, criada pela UNESCO em 1992, como sendo uma parte da memória coletiva da humanidade. No Brasil, o conceito de paisagem cultural é definido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN⁵, como sendo “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

Santos (2021, p.79), ao definir espaço, afirma que ele “resulta do casamento da sociedade com a paisagem” e que contém em si o movimento no tempo, resultando numa paisagem cultural. Ainda para o autor, paisagem “é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica, [...] é o nosso horizonte” (SANTOS, 2021, p. 84) , é o que a nossa visão atinge naquele momento, é um fragmento do total que se dá aos nossos sentidos. É uma relação do homem com a paisagem e seus objetos. Para os autores Priori e Paixão (2015, p.158), “a paisagem é o reflexo da organização social e de condições naturais particulares”.

Para Sauer (2006, p. 16), “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”. Os Objetos, móveis ou imóveis, que compõe a paisagem da pedreira têm idades diferentes. Ali, todos finalizaram seu valor funcional, mas são heranças de vários momentos, que lhes dão novos valores, outros significados e essência. São as várias heranças do tempo, dos vestígios e das relações sociais, que compõem o lugar. Conforme apresenta (CARLOS, 2007, p. 33), “a paisagem, [...] contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo

² As pedras eram carregadas da pedreira até as cidades de Rio Grande e São José do Norte.

³ Única pedreira com característica pública da região.

⁴ Uma empresa pública privada do Rio Grande do Sul.

⁵ A partir do que dispõe a Portaria 127, de 30 de abril de 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/>. Acesso em 12/05/2025.

carregado de significados; memória, que revela múltiplas impressões passadas, imagens impregnadas de história”.

Ao contar suas lembranças os entrevistados relataram suas memórias afetivas. A seguir será apresentada parte das narrativas de dois operários. O primeiro é o entrevistado senhor Heitor Vieira Fonseca, que nasceu no pedreiro, está 88 anos de idade e faz parte da segunda geração de trabalhadores. Ele contou que foi guindasteiro, assim como seu pai e que iniciou seu trabalho ainda menino, aos 14 anos de idade. Seu Heitor conta que ficou na pedreira até se aposentar como maquinista de locomotiva. Ao relatar sobre o funcionamento do britador⁶ da pedreira, seu Heitor narrou o que lembra e gesticulou apontando para a direção de onde está localizado o britador no recinto da pedreira. Nesta fala existe a percepção da paisagem ao ser lembrada, conforme segue:

hoje, eu sei que está tudo no meio do mato, mas eu vi como era o britador era muito bonito, com um trem largando a pedra encima e o outro passava embaixo pra pegar a pedra. E aí o outro carregava os carros e levava as caixas. Aí o maquinista ia mais um pouco e puxava [o trem] pra cima pra carregar outra caixa. Puxava pra cima e partia para a repartição pra pesar na balança, [...]. O trem era quinze carros. Era quinze carros de pedras e o carrinho salão, lindo e envernizado, mais a locomotiva, era muito lindo. (Entrevista do Sr. Heitor, concedida em 05/04/2022).

Conhei para o seu Heitor que o britador está no meio do mato, com a maioria da sua estrutura demolida e que o carro vagão “lindo e envernizado,” como relatou, está tomado pela vegetação e está na cor cinza esverdeada, devido ao limo que cobriu a pintura. Seu Heitor tem uma visão da paisagem, aquela que seus sentidos guardaram para si.

O entrevistado senhor Jairo Humberto Pereira Costa, também nasceu no recinto da pedreira, tem 65 anos de idade e integra a segunda geração de trabalhadores. Contou que é filho e neto de operários da pedreira e que praticamente toda a família é oriunda do lugar. Ao expor sobre sua infância na pedreira narrou a paisagem que lembra ter visto e falou sobre o som do lugar. Para Schafer (2011, p. 27), são os sons característicos “que os tornam especialmente significativo(s) ou notado(s) pelo povo (do) lugar”. O senhor Jairo contou:

a pedreira começou a avançar e aí foram obrigados a desmanchar todas as casas e construíram a vila nova do outro lado da pedreira porque todos os dias acontecia o seguinte, sempre que detonava a dinamite na pedreira quebrava os telhados das casas próximas. A explosão era muito grande, era um barulhão e nós, crianças, corria para nos esconder. Aí trocaram a vila toda de lugar. Lá onde eu nasci que tinha uma vila de casas atrás da pedreira não tem mais nada lá, só campo. Mas

⁶ Construção onde entrava os trens carregados de pedras para serem cortadas/britadas em tamanhos menores.

lá, eu lembro, era muito lindo. (Entrevista concedida pelo Sr, Jairo em 05 de abril de 2022).

4. CONCLUSÕES

Na Pedreira do Capão do Leão de um lado temos um conjunto de objetos distribuídos na sua configuração espacial, e temos a forma como os objetos se mostram aos nossos olhos, compondo a paisagem. De outro lado temos o que anima os objetos, o que lhes dá alma e ressonância social, as pessoas.

Quando olhamos para a paisagem da Pedreira do Capão do Leão, enxergamos o que ela representa para nós, com o nosso olhar de pesquisadores, o que é diferente do olhar que atribuem os narradores entrevistados, pois aquela paisagem representa para eles a soma de vários momentos vividos, de várias camadas de memória presentes em seus sentidos. Os indícios que compõe as várias paisagens da pedreira, são assim como elas, uma ponte que une tempos passados, presentes e futuros. Estas lembranças são importantes para a preservação da memória coletiva daquele grupo social. São componentes que integram a paisagem pois ajudam a evocar a memória e auxiliam na formação e afirmação da identidade do lugar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novo escrito sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

IPHAN. **Portaria 127 de 30 de abril de 2009**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/>. Acesso em 12/05/2025.

PRIORI, Angelo Aparecido; PAIXÃO, Letícia Aparecida A paisagem como fonte histórica e produção de memória. *In: Revista História*, Goiânia, v. 20, n.1, p.158-167, jan./abr. 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamento teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SAUER, Carl O. La morfología del paisaje. *In: Polis. Revista Latinoamericana*, n. 15, 2006. Disponível em : <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30517306019>. Acesso em 18/05/2024.

UNESCO. **Programa memória do mundo**. Paris, 1992. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/copy_of_noticias/o-que-e-o-programa-memoria-do-mundo. Acesso em: 15 de Agosto de 2025.